

# Inglêses analisam peso político

por Tom Camargo  
de Londres

Alguns dos principais credores do Brasil, do México, da Argentina e da Colômbia reagiram ontem com um misto de fleuma e aprovação ao comunicado conjunto que os quatro países emitiram no sábado e que tece considerações a propósito das responsabilidades de devedores, credores e países desenvolvidos diante da crise financeira internacional.

Falando a este jornal, o banqueiro Guy Huntrods, do Lloyds Bank International e vice-presidente do Comitê Assessor, disse que o documento "exige reflexão. Apenas políticos reagem de imediato; nós, banqueiros, precisamos pensar cuidadosamente sobre todas as questões".

Como Huntrods, outros banqueiros — incluindo vozes do National Westminster, do Midland, do Banco de Investimento Schroders — atribuíram "peso político e possibilidade de consequências práticas" ao texto.

Segundo o diretor do Lloyds, a recente alta das taxas de juros norte-americanas trouxe inquietação à cena da dívida in-

ternacional e exigiu o aperfeiçoamento das diversas idéias existentes sobre como vencer a crise. "Não sei até que ponto o documento tem caráter político, o quanto tem de econômico. O momento é de estudos."

Após pedir a omissão de seu nome, outro banqueiro foi mais enfático: "Não há nenhuma passagem agressiva, nenhuma fanfarrônica. Estamos agora diante de um grupo que mostra ser coeso politicamente. Dependerá mais dos governos do que dos bancos a adoção de medidas que ajudem os signatários a passar o mais difícil".

Outro banqueiro, este do quadro de um dos maiores credores brasileiros na Europa, disse que a idéia de ampliar prazos de carência e de vencimento é pertinente e já estaria "aceita pela comunidade bancária. O que não se pode aceitar é a proposição, implícita no texto do comunicado, de que se faz necessário diminuir as margens ("spreads"), comissões e "fees". Diante do nível das taxas reais de juros, este é um problema menor. Atacá-lo significaria atacar a capacidade de os bancos comerciais continuarem emprestando".

Todos os entrevistados

deixaram claro que não vêem nada de intrinsecamente ruim no fato de seus principais devedores conversarem entre si. Admitem que as autoridades brasileiras dizem a verdade quando rejeitam a idéia de um bloco de devedores, mas fazem notar que novidades políticas e diplomáticas aparecerão na mesa.

"Se o governo brasileiro se tivesse jogado na negociação dos recentes créditos governamentais da fase 1", disse um banqueiro, "é quase certo que Japão, Inglaterra e Alemanha teriam agido de forma diferente. Isto seria bom para os bancos, que teriam uma garantia adicional de que o programa daria certo no seu todo."

Ao mesmo tempo que reconhecem a importância de juntar a gestão financeira com uma ofensiva diplomática, estes credores mostram que sangue novo, pelo menos no caso do Brasil, está sendo injetado na frente externa.

"O Banco Central e o ministro Delfim Netto eram os únicos interlocutores de bancos e governos. Agora há vozes mais categorizadas manifestando apreensões e dúvidas."

Outra fonte indicou que

as menções ao protecionismo comercial, ao lado da ênfase maior no nível dos juros, poderão ter influência sobre a composição da agenda do encontro de cúpula dos industrializados. "Nós, na Europa, queremos ver a crise financeira na pauta de trabalho. Os americanos não querem, pois sabem que ficarão expostos, ou seja, é sua política econômica que está dando origem aos problemas. Eles prefeririam falar de protecionismo, um tema sempre importante mas sempre fácil de deixar no vácuo. Este comunicado conjunto pode indicar que uma pauta mista é mesmo o mais indicado."

A diminuição das taxas de juros, disseram todos os entrevistados, seja pela adoção de um "dique" artificial, seja por um outro mecanismo financeiro, é viável e encontra precedente na política de financiamento a exportações dos países industrializados. "Se cada governo sempre pode bancar seu público interno, por que não poderá fazê-lo com outros países? Afinal, se os devedores quebrarem, não haverá dinheiro que refaça, no curto prazo, aquilo que hoje entendemos como mercado internacional."